



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 51

O fardo que carregamos

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tudo começou com um castigo. Tem muito disso nos mitos gregos. Gente que ousa demais e leva um castigo, que é transformado em bicho ou pedra, ou tem que passar a eternidade na fila do DETRAN, ou no equivalente grego da fila do DETRAN.

O crime do Atlas nem foi nada tão grave assim. Ele era um titã, um dos deuses velhos da Grécia. E ele teve o azar de escolher o lado errado numa guerra celestial. Ele ficou do lado que perdeu, no caso.

Quando a poeira celestial baixou, os vencedores – que também eram deuses, os deuses olímpicos – saíram castigando todos os perdedores.

E o Atlas ganhou um castigo todo caprichado.

Ele ia ter que ficar num canto da terra, segurando o céu nos ombros.

Se você já viu uma imagem de um sujeito barbudo, segurando uma bola grande no ombro e com uma expressão um pouco aflita, um pouco conformada... esse é o Atlas. E vem daí a ideia de uma pessoa que tá carregando o mundo nas costas.

Por mais que a gente possa sentir isso, às vezes é bom pensar que nem o próprio Atlas carregava o mundo nas costas. Era “só” o céu.

No episódio de hoje, a gente vai falar disso – dos pesos que a gente carrega por aí, e sobre o que acontece quando a gente tenta se livrar deles.

O primeiro ato quem conta é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1

Flora Thomson-DeVeaux: Quando eu tô no comecinho de uma entrevista, eu faço algumas perguntas de praxe, só pra ver se o som tá certinho. Um clássico é perguntar o que que a pessoa tomou no café da manhã. Tem gente que faz toda uma crônica gastronômica, e aí é ótimo, porque dá pra ficar ali mexendo no ganho do som, pegando o ângulo do microfone certinho... Mas vale qualquer papinho. Como foi seu dia, como foi sua tarde.

Lúcio Flávio Pinto: Meu dia foi mais ou menos rotineiro. Acordar, sentar no computador, escrever, sair, almoçar, voltar, sentar no computador, escrever. Isso aqui é minha escravidão.

Flora Thomson-DeVeaux: Escravidão, pelo amor de Deus... [ri] Cê tava escrevendo sobre o que?

Lúcio Flávio Pinto: Inclusive sobre escravidão. O título da matéria é “A Perigosa” – eu reescrevi o título – “A perigosa reescrita da História”.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Lúcio Flávio Pinto. Naquela tarde, ele me disse que tinha escrito um post no blog dele sobre os romances históricos de uma professora e escritora, uma americana radicada em Portugal.

Flora Thomson-DeVeaux: Que interessante! Qual é o nome dela?

Lúcio Flávio Pinto: Deixa eu ver aqui, que esse meu Parkinson é terrível. Eu esqueço tudo.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu fui falar com o Lúcio por causa disso, por causa desse silêncio. Mas principalmente, por causa de tudo que veio antes dele.

Lúcio Flávio Pinto: Eu sou jornalista.

Flora Thomson-DeVeaux: Desde o começo da carreira dele, o Lúcio tá lutando contra o esquecimento. Não o esquecimento dele mesmo. Mas dos fatos. Das histórias que podem ser esquecidas, das histórias que podem nunca ser contadas.

Daquilo que acaba na lata de lixo da história – ou só na lata de lixo mesmo.

Lúcio Flávio Pinto: eu vi na primeira vez que eu entrei na redação, na véspera de ser contratado, eu vi que as pessoas jogavam, os repórteres, jogavam as suas laudas no lixo, terminava de usar as anotações, jogava fora.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio achou isso um desperdício tremendo. Se o jornalismo é o primeiro rascunho da história, os cadernos de apuração são o primeiro rascunho do primeiro rascunho.

Aquilo tinha valor. Aquilo podia ser alguma coisa.

Lúcio Flávio Pinto: Eu comecei a levar tudo o que saía, que era impresso de interessante, que chegava na redação, todo mundo jogava fora, passava direto pro lixo, eu ia e pegava. E aí eu ganhei o meu primeiro apelido, era Suvaco Ilustrado, porque eu saía com um bocado de papel debaixo do braço.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso foi mais de cinquenta anos atrás. Hoje em dia, na casa dele em Belém, o Lúcio tá nadando num mar de papéis. Atas, processos, anotações, os cadernos de toda uma vida de reportagem.

Lúcio Flávio Pinto: E eu reuni 102 cadernos.

Flora Thomson-DeVeaux: Agora, Lúcio tá num momento em que ele tá se voltando pra esses cadernos. Porque, depois desses mais de cinquenta anos, ele tá sendo forçado a parar.

Na verdade, ele tá se forçando a parar.

E ele tá fazendo isso justamente por causa do esquecimento. Um esquecimento tá ameaçando fazer o que 34 processos judiciais não fizeram: que o Lúcio parasse de fazer jornalismo.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio nasceu em Santarém, no Pará, e os jornais sempre fizeram parte da vida dele.

Lúcio Flávio Pinto: Meu pai foi jornalista. Meu pai trabalhou num jornal em Santarém chamado O Jornal de Santarém. E depois ele teve o jornal dele, o Baixo Amazonas, que funcionou durante quatro anos.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem gente que não quer nada com a profissão dos pais, e tem gente que corre pro abraço. O Lúcio é do segundo time.

Lúcio Flávio Pinto: Então eu sempre tive uma vontade enorme de ler, ler jornal. Eu adorava ler jornal. Tinha um avô que quando estava morando na nossa casa, ele se acordava cedo para ler o jornal inteiro. E se ele pegasse o jornal, ele lia até os classificados inteiro. Aí eu me acordava mais cedo do que ele para pegar o jornal na frente dele. Aí ele acabou, chegou a dizer: Vovô, seguinte, se eu ler uma parte, o senhor leia outra parte. Se não eu vou ter que acordar, não vou conseguir dormir mais.

Flora Thomson-DeVeaux: Em algum momento, o inevitável aconteceu. O Lúcio resolveu fazer o próprio jornal.

Lúcio Flávio Pinto: 13 para 14 anos, eu fiz jornalismo mimeografado. O primeiro era o Demo- o Social e depois foi o Democrata. Tinha a parte analítica, de artigos e tal, e tinha a parte social.

Flora Thomson-DeVeaux: A parte social eram notinhas sobre os amigos...

Com piadas nem sempre de bom gosto. E, depois de algumas edições do Democrata, uma amiga ficou bem chateada com uma coisa que ele escreveu.

Lúcio Flávio Pinto: Brigou comigo. Aí eu resolvi criar, cancelar essas notas sociais.

Flora Thomson-DeVeaux: E depois de me contar tudo isso, o Lúcio quis que eu acreditasse que ele não era predestinado a ser jornalista.

Lúcio Flávio Pinto: Foi quase que accidental. Eu não comecei no jornalismo, um dia que eu tenha decidido: hoje eu vou procurar um jornal, que eu quero ser jornalista. Não. Eu estava caminhando entre o sebo que ficava num quarteirão, e a livraria de livros novos, no outro quarteirão, eu estava indo num dia fazendo a mesma coisa que eu fazia quase toda semana, pelo menos uma vez por semana. Aí parei e fiquei na frente da Província do Pará, que era o jornal do Assis Chateaubriand, dos Diários Associados, e resolvi entrar.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio subiu as escadas, entrou na redação, e imediatamente levou uma encarada do chefe de reportagem... que acabou desafiando ele a escrever uma matéria.

Lúcio Flávio Pinto: Ele olhou: "O que é que você quer?" Eu já ia até voltar. Era muito— eu era muito tímido. Aí, ele: "Você quer ser jornalista?" Eu disse: "Quero". "Então pega aqui, pega uma p-, um papel, pega um lápis, uma caneta e vai fazer uma entrevista". Eu disse: "Mas que entrevista?" Era a da JICA...

Flora Thomson-DeVeaux: A JICA era a Agência de Cooperação Internacional do Japão, que tava no processo de trazer mais colonos pra Amazônia. Eles tinham marcado uma coletiva de imprensa e a Província do Pará não tinha destacado nenhum repórter pra cobrir.

Lúcio Flávio Pinto: Mas ele não me disse nada, ele estava doido pra encontrar alguém, que não tinha nenhum repórter pra fazer, e era a hora marcada, já estava em cima da hora. Aí eu fui, voltei, escrevi alguma coisa,

mas não era o que eu gostava de fazer. E também não tinha muita informação.

Flora Thomson-DeVeaux: Parecia que a carreira dele no jornalismo tinha começado e acabado muito rápido, e de um jeito bem chato, numa coletiva nada a ver.

Lúcio Flávio Pinto: Quando eu estou saindo meio desanimado, vem subindo o diretor de redação, que era o Cláudio Augusto de Sá Leal. Ele me olhou. Eu tinha 16 anos, mas parecia ter menos ainda. Ele olhou e disse, "O que é que esse menino quer aqui?" Aí o Ribamar disse: "Ele quer ser jornalista. Ele fez uma matéria aí..." O Leal perguntou "Que tal essa matéria?" "Não, tá mais ou menos, assim, assim..." E ele disse: "Vem cá, meu filho". Entrei no gabinete dele e ficamos conversando, saímos mais ou menos 11h30. Até 01h00. Aí ele me disse "Vai para tua casa. Que é que tu podes escrever pra me trazer à tarde?"

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio pensou, pensou, e lembrou que tava quase no aniversário de 21 anos da rendição dos alemães na Segunda Guerra Mundial. E disse que podia escrever uma matéria sobre isso. Pronto, o editor comprou a pauta. E, naquela tarde, o Lúcio escreveu e entregou.

Lúcio Flávio Pinto: Aí eu fiquei com dois amigos, o Aurélio e o Luiz Otávio, na praça, atravessando a madrugada, esperando o primeiro vendedor de jornal que se chamava folheiro, por causa da Folha do Norte.

Flora Thomson-DeVeaux: Logo de manhã, chegou o folheiro, e eles pegaram o jornal.

Lúcio Flávio Pinto: Aí eu procurei, passei direto da primeira página, fui para as outras páginas, não saiu. Aí eu joguei no chão e disse: "Poxa, não saiu". Aí, quando eu vi, a minha matéria todinha estava na primeira página. Aí eu fui contratado.

Eu comecei em 66, antes da regulamentação da profissão, no período mais negro da ditadura, que foi da Junta Militar, que baixou o decreto 976,

regulamentando a profissão de jornalista. E, evidentemente, não é para facilitar o trabalho do jornalista.

Flora Thomson-DeVeaux: Dois anos depois, o Lúcio tava naquela mesma redação onde ele tinha entrado de penetra quando chegou um outro decreto do governo.

Lúcio Flávio Pinto: Eu era secretário do jornal A Província do Pará quando saiu o AI-5. E eu li o AI-5 lá na redação, reli e cheguei à seguinte conclusão: de que nenhum jornal ia resistir à censura do governo. E eu decidi ir-me embora para São Paulo.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio passou por algumas redações, estudou sociologia na USP, começou uma pós... mas teve uma hora que a Amazônia falou mais alto.

Lúcio Flávio Pinto: Eu disse: eu não posso ficar em São Paulo, tenho que voltar para lá. Não posso ficar distante e, de luneta, acompanhando a Amazônia. Tem que apanhar pari passu. E eu tenho que ver. E aí larguei tudo. Viajei inúmeras vezes para todas as partes da Amazônia, tinha fontes em todos os lugares, amigos, Rio Branco, Porto Velho, Boa Vista, Manaus. Sabe como eu distingo o cara que conhece verdadeiramente a Amazônia no chão e o cara que conhece na frente do computador? Eu convido ele para comer uma costeleta de aviú. E sabe o que é aviú?

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei. Não sei.

Lúcio Flávio Pinto: Aviú é um micro, micro camarão que só dá numa área do Tapajós, onde eu nasci, e numa área do Tocantins que só dá nesses dois. A cada colherada você come oito, nove, dez aviús. Agora imagine uma costeleta do aviú assado na brasa.

Flora Thomson-DeVeaux: Então, quem topa costeleta de aviú já está desqualificado?

Lúcio Flávio Pinto: Para mim, Não, ele pode até ter muita qualificação. Geralmente tem, mas ele não conhece a verdadeira Amazônia. Um é uma

outra coisa. E serve até para tudo. Você tem que ter paixão. Você não pode ser passional, mas você tem que ter paixão pelo tema a que você dedica.

Eu nasci na beira do rio Tapajós, um rio maravilhoso, lindo. Na época que eu nasci ele era claro, claro, claro. Hoje já não tem mais essa clareza por conta do garimpo. Papai me colocava na água, bebê. Então eu comecei a ter contato com o rio desde bebê, a água, nadando como um peixe e quando foi fechada a barragem de Tucuruí para encher o reservatório, em 1984, eu fiz uma campanha todos os dias. Durante meses eu escrevi sobre Tucuruí e os caras já não aguentavam mais.

Flora Thomson-DeVeaux: Nessa época, Lúcio tinha uma coluna no jornal O Liberal, que é um dos grandes jornais de Belém. E dia sim, dia também, o assunto da coluna era Tucuruí. Era um projeto com um impacto gigantesco na região – na época, era a maior barragem do país.

O Lúcio escreveu tanto sobre a barragem que a empresa responsável, a Eletronorte, pediu pra ele aliviar um pouco a barra. Se ele passasse a escrever só algumas vezes na semana, em vez de todo dia, eles prometeram que iam avisar ele quando a barragem fosse entrar em funcionamento.

O Lúcio topou, mas não confiou. E ele pediu prum amigo, que trabalhava lá dentro, avisar ele quando a hora tivesse chegando.

Lúcio Flávio Pinto: “Me avisa quando tu souberes que está enchendo o rio, o lago”. Aí ele me ligou de manhã, umas nove horas: “Lúcio! Começou a encher agora”. Aí eu – essa é a vantagem que eu tive de trabalhar no Estadão. Eu liguei para São Paulo, disse, “Vou fretar um avião e vou para Tucuruí”. Fretei um avião. Quando o teco teco, nós começamos a chegar perto do aeroporto de Tucuruí, que era operado pela Eletronorte, o operador perguntou quem é que vinha no aparelho e disse: Lúcio Flávio Pinto. Foi um corre – barata voa. Correram para trazer uma pessoa que me acompanhasse e me controlasse. Foi um engenheiro chamado William. Aí o William me pegou no aeroporto e disse que queria ver a barragem porque tava enchendo. Aí ele foi, e quando eu cheguei no topo da barragem eu comecei a chorar. Chorei, chorei, chorei.

Flora Thomson-DeVeaux: Anos depois, ele escreveu assim:

Cheguei ao local no exato momento em que começava a ser formado o reservatório, que viria acumular 45 trilhões de litros de água em uma área de 2.875 quilômetros quadrados, formando o segundo maior lago artificial do Brasil. [...] Pela primeira vez, o Tocantins estava deixando de seguir o seu curso natural até o estuário do rio Pará, ao largo de Belém, onde outros rios a ele se juntam para plantar suas águas no vasto Oceano Atlântico. O autor dessa intervenção brutal na natureza era o homem.

Flora Thomson-DeVeaux: Quando as pessoas descrevem o Lúcio, elas tendem a dizer que ele é um jornalista investigativo.

Lúcio Flávio Pinto: Eu não gosto de investigativo. Todo jornalismo tem que ser investigativo, porque se ele não for investigativo, como é que ele vai apurar as informações dada pelo entrevistado dada por uma um livro, se ele não foi às fontes primárias? Então, a minha obsessão sempre foram as fontes primárias.

Flora Thomson-DeVeaux: As pessoas também tendem a dizer que o Lúcio é intransigente e obstinado. E a história que mais define essa obstinação, a história clássica que todo mundo conta, começou assim:

Lúcio Flávio Pinto: O Pessoal foi o seguinte: em 1987, maio de 87, eu estava numa reunião do Conselho Deliberativo da Sudam, quando um repórter de polícia veio e me disse: "Lúcio, mataram o Paulo Fonteles."

Flora Thomson-DeVeaux: O Paulo Fonteles era um amigo de longa data do Lúcio. Ele tinha sido militante de esquerda durante a ditadura ligado a grupos comunistas, foi preso e torturado, e depois virou advogado.

Lúcio Flávio Pinto: Aí o Paulo se dedicou a ser advogado de posseiros. Passou a defender os posseiros e eu sempre dando cobertura para ele na imprensa.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois o Paulo virou deputado estadual. E, em 1986, ele foi concorrer a deputado federal. Mas ele perdeu.

Lúcio Flávio Pinto: Na hora que ele não conseguiu se eleger, ele perdeu a proteção institucional e todos os fazendeiros que odiavam ele arquitetaram a morte dele, o assassinato dele. Quando, quando o repórter me disse que ele tinha morrido, eu peguei – eu tava de carro, mas eu peguei um táxi e disse pro cara: "Corre com toda velocidade". Aí foi quando eu cheguei lá no posto, a 30 quilômetros de Belém, no Posto Almirante 4, posto de gasolina, e ele estava lá no carro ainda, com o cigarro entre os dedos, com a perna trançada no lugar do carona na frente. Ele pegou três tiros, o primeiro matou. Os outros dois foi só para confirmar. Todos na cabeça.

Flora Thomson-DeVeaux: Obviamente esse era um assassinato de muita repercussão, então o Lúcio não era o único repórter cobrindo o caso.

Lúcio Flávio Pinto: Então, aí no início foi um impacto muito grande. Paulo era muito popular, as pessoas gostavam muito dele e os jornais acompanhavam. E eu comecei a acompanhar a investigação com os delegados, com os policiais, investigador.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas os meses iam passando, e passando, e a cobertura ia ficando mais escassa.

Lúcio Flávio Pinto: O delegado, que no caso Otacílio Mota, um dia me levou para um campo e disse: "Lúcio, eu estou perdendo todos os meios de investigar. O governador, que tinha dado tudo, já cortou tudo. Não vou chegar ao fim dessa investigação". Eu disse: "Então, Otacílio, quem vai ficar investigando vai ser eu". E aí eu comecei a ir nos lugares, pressionar as pessoas suspeitas. Três meses. Em setembro tinha uma história completa.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio era repórter freelancer nessa época. Não fazia tanto tempo que ele tinha pedido demissão de O Liberal, mas ele tinha uma boa relação com o jornal, escrevia pra eles de vez em quando.

Lúcio Flávio Pinto: Aí eu fui no Liberal, tava escrevendo no Liberal ainda.

Flora Thomson-DeVeaux: A dona do jornal era amiga dele, e ele deu a matéria pra ela ler.

Lúcio Flávio Pinto: Ela leu e disse: Lúcio, “eu não posso publicar porque ela está atacando os dois principais anunciantes do jornal homens mais ricos do Pará, que eles não mandaram matar, mas eles sabiam e eles participaram do acobertamento”. E eu dizia tudo isso.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio tinha convicção da apuração dele e fazia questão de publicar. Só que nenhum jornal da cidade ia bancar. E nessa hora, baixou um instinto antigo.

Lúcio Flávio Pinto: E se eu fizer um jornal?

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio tinha a apuração. Ele só precisava de uma gráfica pra rodar a história dele. E a dona do jornal topou emprestar pra ele.

Lúcio Flávio Pinto: Aí ela, que tava com a consciência culpada: eu faço e tu não precisa me pagar. Basta que não tu não cites a gráfica. Eu disse: então eu vou fazer. Foi a maior tiragem do jornal, 10 mil exemplares, que acabou em dois dias.

Flora Thomson-DeVeaux: O jornal que ele fez tinha um nome singelo: Jornal Pessoal. Mas ele chegou chutando a porta, com uma crônica policial detalhadíssima sobre o caminho que tinha levado à morte do Paulo Fonteles. O Lúcio acabou ganhando um Prêmio Esso pela cobertura. E, em 1993, o mandante do crime foi condenado a 21 anos de prisão.

Lúcio Flávio Pinto: Eu pensava que o jornal ia durar pouco, porque não tinha viabilidade econômica. Mas acontece que o diretor do Liberal, que

também era apoiado pelos Barbalho, que tava como presidente interino do Banco da Amazônia, comandou uma quadrilha que roubou 30 milhões de dólares do banco.

Flora Thomson-DeVeaux: Nessa mesma época, tinha tido um escândalo na cidade de Filadélfia, nos Estados Unidos. O secretário de finanças da cidade tinha acabado de ser condenado por corrupção, por ter recebido um suborno numa licitação, de uns 300 mil dólares.

Lúcio Flávio Pinto: Deu um desfalque de 300 mil dólares e aí ele convocou a imprensa para se explicar, puxou o revólver dentro de um saco de supermercado e deu um tiro na cabeça na frente de todo mundo.

Flora Thomson-DeVeaux: O Lúcio ficou passado com o contraste. O caso que ele tava olhando era muito maior, e nem tava saindo nos jornais locais.

Lúcio Flávio Pinto: Um cara deu um golpe 100 vezes o valor que o cara que se suicidou. Aí o cara continuava impune e ninguém publicava nada. Aí começa a minha sina de publicar o que a imprensa se recusava a publicar.

Flora Thomson-DeVeaux: Dá pra dizer que a história do primeiro número do Jornal Pessoal é uma história de obstinação.

E a história do segundo número do Jornal Pessoal é uma história sobre como Lúcio não tem o menor problema em queimar pontes... quando manter essas pontes é incompatível com a missão jornalística dele.

Porque, no segundo número do Jornal Pessoal, ele escreveu sobre esse escândalo do Banco da Amazônia. E o cara pra quem ele apontou o dedo era um dos advogados do Liberal, o jornal que tinha emprestado a gráfica pra ele rodar o primeiro número.

Acho que não preciso dizer que eles não emprestaram a gráfica daquela vez, né? Mas o jornal saiu mesmo assim. E continuou saindo, de duas em duas semanas, durante décadas.

Com uma tiragem média de 2 mil exemplares, e com as finanças quase sempre claudicantes.

Lúcio Flávio Pinto: Nunca aceitei publicidade. Acho que é o único jornal do mundo que recusou no primeiro número. Não quero publicidade de ninguém. Então tá dando prejuízo já.

Flora Thomson-DeVeaux: Durante um tempo o jornal se bancou com assinaturas, depois só venda avulsa. Quem fazia eram o Lúcio e o irmão dele, que é cartunista. E não era fácil conduzir um jornal sem publicidade, sem estrutura e sem redação. O Lúcio diz que tentou parar mais de uma vez.

Lúcio Flávio Pinto: Aí eu tentava parar aí e que acontecia alguma coisa que ninguém na imprensa publicava. Aí eu voltava, publicava tudo isso. Todo, todo o lixo que a sociedade produzia, que chegava para mim pelas pelos prejudicados, pelos lixeiros.

Flora Thomson-DeVeaux: E além das coisas que chegavam pra ele, tinha os assuntos de predileção do Lúcio. Ao longo dos anos, ele virou uma espécie de fiscal das megaobras da Amazônia, que não paravam de brotar e que não paravam de sangrar dinheiro.

Lúcio Flávio Pinto: Por exemplo, eu queria saber quanto custou a maior estrada estadual do Pará, que é a PA-150, com mil e cem quilômetros. Durante seis anos, eu não consegui um dado concreto. Tinha muito boato, muito valor, mas nenhum dele comprovado. Até que a Andrade Gutierrez entrou na Justiça cobrando do Estado o pagamento que ele não fez pela estrada, que foi ela quem construiu. Eram quatro volumes. Eu consegui que um promotor deixasse eu ler só no gabinete dele. Não podia levar. Passei uma semana inteira copiando e dei na edição seguinte do jornal, a capa [gagueja] dizendo que custou 1.100.000.000 de dólares, de reais. E provei, porque todos os argumentos foram dados pela própria construtora. Jamais imaginou que alguém ia ler o processo.

Flora Thomson-DeVeaux: De investigação em investigação, o jornal foi indo. Abraçando as histórias que tavam perigando cair na lata de lixo. Colecionando denúncias.

Lúcio Flávio Pinto: E aí o jornal durou contra todos os, durou contra todas as perspectivas, inclusive a minha. Eu sonhava que o jornal se inviabilizasse, que eu não deixasse mais preocupar e ser levado por esse negócio de que eu tenho que publicar, mesmo que seja algo que me cause problemas. Ele causou 34 processos judiciais, fui agredido fisicamente, fui ameaçado de morte várias vezes, fui constrangido. E isso foi em parte, eu acho que ele levou a situação de saúde que eu tenho hoje.

Flora Thomson-DeVeaux: O Jornal Pessoal terminou no final de 2018, sem alarde.

Lúcio Flávio Pinto: Eu estava sem conseguir dormir. Aí eu disse: Não vai ter edição final, não vai ter explicação. Acabou o jornal hoje. Então o jornal terminou sem dizer nada sobre o seu fim.

Flora Thomson-DeVeaux: A coleção inteira tá digitalizada no site da Universidade da Flórida, onde o Lúcio chegou a dar aula nos anos 80. Foram 532 números e 31 anos.

Lúcio Flávio Pinto: Ultimamente eu não me arrependo, mas eu me considero totalmente derrotado.

Flora Thomson-DeVeaux: Como assim?

Lúcio Flávio Pinto: Tudo o que eu pensei que não ia acontecer, aconteceu, tudo o que eu quis que acontecesse não aconteceu. Bolsonaro é o pior de todos os casos da República brasileira. A coisa mais terrível que já houve. Mas é uma questão de ênfase. No mais, a Amazônia sempre foi vítima. O que está em vigor até hoje é o que o governo militar pensou em 1975, com o segundo plano de governo da Amazônia. Todos os governos desde então: Fernando Henrique, Collor, Sarney, Dilma, Lula, fizeram só executar isso, que é a modernização compulsória, a geração de dólar como atividade principal na Amazônia, o avanço das frentes econômicas. A segurança

nacional pela povoação da região, pela transformação da floresta que abriga e esconde as pessoas, em hidrelétrica, rodovia, cidade, etc. E o resultado – eu me sinto como se eu fosse um símbolo da destruição da Amazônia. Hoje eu me sinto uma pessoa em processo de destruição, de desânimo, de tristeza.

E eu descobri que a minha grande doença era ansiedade. E a ansiedade foi boa até o início do envelhecimento, porque ela me fazia – eu mandava às vezes 12, 14 matérias da nossa sucursal de Belém para São Paulo.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso na época em que ele era correspondente do Estado de S. Paulo em Belém. Só tinha um telex na cidade, que fechava às nove horas da noite; e às vezes ele levava a matéria pra lá em cima do laço.

Lúcio Flávio Pinto: Eu ligava pro – "não fecha ainda às nove! eu estou chegando aí com a outra matéria" – chegava em casa cansadíssimo. Mas a partir do momento certo, momento dos 40 e poucos anos, a ansiedade passou a se tornar patológica, né? Então ela já me complicou a vida. E complica. Até hoje.

Flora Thomson-DeVeaux: Te complicou em que sentido? De não ser mais produtiva, de não ser mais um motor?

Lúcio Flávio Pinto: O corpo não acompanhou mais. Eu tive uma vez uma crise de labirintite e a partir de um certo momento de 2011, 12, eu comecei a cair na rua. E eu pensei que era labirintite. A partir do momento que eu depois eu comecei a ficar enrijecido o lado esquerdo, aí eu percebi que não era. Eu fui no médico e ele confirmou que era Parkinson.

Eu estava com 65 anos. Então eu disse: acabou. Eu... Naquele momento baixei a guarda, chorei, pensei, não tem, acabou. Eu não tenho mais que fazer nada. Até o que eu tinha que fazer já fiz, não vou fazer mais nada e vou me entregar. Desisto. Isto porque eu jamais imaginei – aliás, não é verdade. A minha mãe morreu de Alzheimer e durante sete anos eu cuidei dela.

Flora Thomson-DeVeaux: Tinha sido o Lúcio que tinha percebido a doença da mãe.

Lúcio Flávio Pinto: Eu diagnostiquei aqui. Eu estava sentada nesse mesmo lugar que eu estou agora. A minha mãe veio silenciosamente e me deu um susto quando ela falou. Eu nem percebi que ela estava atrás de mim, ela estava morando comigo. Só eu e ela. Aí ela disse: "Meu filho, a polícia está atrás de mim". "Como, atrás da senhora, mamãe?" "Não tá ouvindo? Olha só a sirene". Era aqui uma oficina do lado, tava consertando sirene do carro da polícia. "Mamãe, é oficina". "Não, não". Ela totalmente transtornada. "Não deixa me prender!" Ela começou a chorar e nós choramos juntos. Aí eu vi que ela estava com Alzheimer. E foi uma progressão muito, muito rápida. Mas antes de ela perder totalmente a lucidez, nós conversamos muito sobre o passado. Me contou muita coisa. E de algo que nos aproximava: cantar. Eu sempre cantei muito. E, claro, no banheiro para me proteger do público. E a mamãe também. E nós cantávamos juntos e ela era filha de português. E eu adoro fado.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois de um tempo, a família acabou decidindo que o melhor era internar.

Lúcio Flávio Pinto: Todo dia eu ia lá, todo dia. E aí eu chegava lá e a gente cantava, até ela cansar. E aí quando ela cansava até a cuidadora lá que fazia um revezamento eu deixava ela e ia embora. Algum tempo depois eu li um artigo de um psiquiatra dizendo que uma das formas de manter por mais tempo a racionalidade de quem sofre de Alzheimer é cantar. Então eu fui ver a importância disso e que confirmou porque num certo dia eu tive aqui em São Paulo. Aí eu fui. Passei três dias e voltei. Quando eu voltei, fui lá com ela. Aí quando eu cheguei com ela, ela não cantou. Aí eu, toda vez que eu ia, mandava uma mensagem para os meus irmãos dizendo como é que estava a mamãe, contestando às vezes os remédios, enfim. Aí nesse dia, eu disse assim: "Mamãe não cantou hoje". No dia seguinte, ela morreu.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois disso, depois desses sete anos acompanhando a doença da mãe, o Lúcio ficou pensando quando ia ser a vez dele.

Lúcio Flávio Pinto: Eu ia ter Alzheimer, então eu ficava muito atento a isso. Lia muito.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas afinal, quando o diagnóstico veio, não foi esse. Era a doença de Parkinson, que a gente associa muito mais a um distúrbio motor – mas que também tem declínio cognitivo como um dos grandes sintomas clínicos.

Na verdade, a gente chama muita coisa de Alzheimer sem ter esse diagnóstico preciso. Só dá para cravar que uma pessoa teve Alzheimer depois que ela morreu. E tem muitas condições que causam um declínio cognitivo, um eventual estado de demência. Algumas demências são reversíveis, outras não.

A de Parkinson, por enquanto, não é.

Lúcio Flávio Pinto: A doença degenerativa, a própria expressão gera um calafrio, né: degenerativa sem cura. Então você tem que estar com um ânimo muito bom para não se deixar impressionar ou influenciar.

Flora Thomson-DeVeaux: Antes e depois do diagnóstico, o Lúcio foi catalogando sinais. Eram sinais pequenos de que não tava tudo sob controle. Ele me contou sobre um dia em que ele jogou o pó do café direto na xícara, em vez de pôr no filtro. E aí, eu falei: "Ué, mas isso acontece. Eu já botei pasta de dente na escova e passei no cabelo."

Mas não era isso. Ou não era só isso. Teve o dia em que ele jogou pó na xícara, percebeu o que ele tinha feito, tirou e botou no filtro.

E no outro dia, ele fez a mesma coisa.

E no outro dia, a mesma coisa.

Era como se ele já não mandasse no cérebro dele.

Lúcio Flávio Pinto: Eu tinha que me fiscalizar. Uma vez eu deixei a porta da casa aberta. Mas mais do que isso, era a instabilidade do humor. O humor subia e descia. Eu digo que eu ando na montanha russa, só que eu subo gritando e desço calado.

Flora Thomson-DeVeaux: O Jornal Pessoal terminou mais ou menos na mesma época em que o Lúcio recebeu o diagnóstico de Parkinson. Mas, apesar das recomendações do médico dele, ele não parou de escrever. Num blog, um Wordpress com o nome dele, que ele tem desde 2014. E, no blog, não tem limite de caracteres, não tem telex que feche, não precisa de gráfica pra rodar. Quando eu tava escrevendo essa história, o blog tinha quase 14.000 posts.

Mas, numa noite de março de 2023, o Lúcio acordou no meio da noite, ansioso por causa de um daqueles posts.

Lúcio Flávio Pinto: Às duas horas da madrugada acordei com dizendo: “Cometi um erro horrível”. Aí vim, vim aqui no computador corrigir.

Flora Thomson-DeVeaux: O post que ele ia corrigir era uma denúncia, pra variar, sobre uma fundação cultural que tinha acabado de gastar uma bolada comprando livros – mas de uma empresa de construção.

Tinha cheiro de ineficiência, no mínimo, e provavelmente coisa suja. Mas o Lúcio acordou no meio da noite porque ele tinha se dado conta de que a história não era essa. Ele tinha lido mal. A fundação não tinha comprado livros, tinha comprado estantes. Então não tinha denúncia nenhuma pra fazer. Tava tudo certo.

O Lúcio apagou o post sobre a fundação cultural e escreveu outro, com o título “Perdão, leitores”. Vou ler um trechinho aqui.

Só cancelar a nota, como fiz, não é o suficiente. Depois de anos de convivência com a doença mental, que é degenerativa e não tem cura, este foi o primeiro erro desse tipo que cometi, depois de milhares de notas que escrevi neste blog já com o diagnóstico do mal.

Sob o choque da percepção, decidi encerrar a minha atividade jornalística pública diária. Não quero cometer um novo erro desse tipo, por redução ou, em algum momento, perda da capacidade cognitiva. [...] O que por várias vezes tentei, sem

conseguir consumir a decisão, agora se completa, para minha profunda lástima.

Lúcio Flávio Pinto: Mas o problema é que... O que é que eu sou hoje?

Flora Thomson-DeVeaux: Ao longo dessas décadas, o Lúcio não perdeu só a saúde e qualquer chance de estabilidade financeira. Ele também perdeu muitos amigos e aliados.

Lúcio Flávio Pinto: Um amigo meu disse, analisando essa situação, que eu sou odiado. E ele depois de me dizer isso, me diagnosticar corretamente, se transformou em outra pessoa que me odeia porque ele não admite crítica ao PT.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas, no dia em que a gente conversou, ele parecia estar mais preocupado com outra coisa.

Lúcio Flávio Pinto: Hoje é difícil você encontrar porque o jornalista está muito preso ao método digital. Ao computador, ao ficar na frente da tela e se sentir todo poderoso. Ele tem fonte que ele não conhece, nunca cultivou a fonte.

Flora Thomson-DeVeaux: Ao longo dos anos, o Lúcio esperou ver algum herdeiro. Alguém que pudesse dar continuidade ao trabalho dele. E é claro que tem muita gente boa cobrindo a Amazônia. Mas até por questões estruturais, é muito difícil replicar o que ele fazia.

Lúcio Flávio Pinto: Ninguém lá no furdunço, ninguém da linha de frente. E não vai ter mais porque custa dinheiro você fazer isso. Fretei o teco-teco até Tucuruí, foi um dinheirão! Fretei um barco durante 16 dias na enchente de 1973, que foi a maior de todas. E o Estadão pagou, sempre pagou. Nunca deixou de pagar uma viagem minha. Hoje os jornais locais não querem gastar dinheiro, então eles ficam com o enviado especial dos grandes jornais, mas enviado especial não tem paixão, não tem amor, não tem ligação com a região. Então ele quer fazer escrever uma bela matéria, mas

essa matéria não tem continuidade, ele não vê. É como o método estruturalista, você vê peças e não vê o conjunto.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu perguntei pro Lúcio o que ele achava importante passar pra frente.

Lúcio Flávio Pinto: Não publique aquilo que você não está entendendo. Só passe em frente aquilo que você entende. Não repasse matéria aqui, você é só copiando o que o cara falou e você não está entendendo nada daquilo. O seu leitor vai entender muito menos.

Nada resiste à investigação, uma boa investigação dos fatos. Nada!
Nenhum segredo! Pode demorar dez anos, 20 anos. Nunca largue isso. [...]

Então você nunca escreva pensando a quem eu vou beneficiar, a quem eu vou prejudicar?

Se antecipe a todas as coisas secretas, tudo o que for proibido, abra essa porta.

Eu não consigo parar. E acho que é assim com todos aqueles que dedicam o tema de verdadeira paixão, de amor. [...] É sempre a tentação. Eu fico aqui na frente desse computador. Não, Lúcio, não pode. Eu levo, levava de duas a três horas lendo o Diário Oficial do Estado, Diário Oficial da União, Diário Oficial da Justiça, não só para entender, mas para fazer crítica a partir do documento, usar o argumento deles contra eles mesmos. E agora me sinto completamente derrotado, desmotivado. Preciso carregar energia com bateria externa todos os dias.

Flora Thomson-DeVeaux: Agora, todo dia, o Lúcio tá lutando contra o que ele chama de o “diabo”. O bichinho no ombro dele que não deixa ele em paz. Que fica instigando ele a escrever. Apesar do cansaço, apesar da doença, apesar das pontes queimadas, apesar de tudo.

Lúcio Flávio Pinto: Eu sempre perco! Sempre perco. Porque o diabo não é o diabo por ser mau, é por ser velho. E a sabedoria do velho é terrível.

Flora Thomson-DeVeaux: Aquele post pedindo perdão pros leitores dele tinha sido em março de 2023, e eu conversei com ele em julho. Quando eu fui ver o post sobre o erro, eu esperei ter que navegar por poucas páginas de resultados. Mas, quando eu vi, o Lúcio tava postando tão freneticamente que eu tive que passar por algumas dezenas de textos.

Lúcio Flávio Pinto: Diminuí mesmo! Eu quase não tenho notícia mais do dia a dia nenhuma.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas largar o osso por completo não é uma opção.

Lúcio Flávio Pinto: Pouquíssimas pessoas vão me ler. Pouquíssimas e raríssimas vão reagir. Raríssimas. [...] eu fico em uma posição do soldado que não pode abandonar o front. Não pode, eu me sinto traindo a minha causa, traindo a ou a razão da minha vida que sempre foi Amazônia durante todos esses 50 e tantos anos de jornalismo, quase 60.

Flora Thomson-DeVeaux: Nos últimos meses, o Lúcio tem experimentado outra pegada. Ele tá republicando apurações passadas, reproduzindo textos de outros repórteres que ele leu e gostou, rememorando episódios do passado...

Lúcio Flávio Pinto: O que eu mais temo profissionalmente é cometer essas essas... lapsos de memória, que são lapsos de memória mesmo. É isso aí está me atormentando. Eu penso às vezes, não, Lúcio, tem que encerrar de vez tudo. Mas aí eu puxo um papel e tem uma coisa importante, puxo outro papel...

Flora Thomson-DeVeaux: E o bom disso tudo – o que também é ruim – é que tem sempre mais um papel pra puxar.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo. E eu vou voltar rapidinho pra história do Atlas aqui.

Porque, pelo que os mitos contam, teve um dia que ele conseguiu descansar, fazer um alongamento, acertar a postura.

Foi um dia que o Hércules passou por ali e acabou se oferecendo pra segurar o céu um pouquinho enquanto o Atlas fazia um favor pra ele.

E, quando Atlas voltou, ele não tava muito a fim de pegar o céu de volta.

Então ele ficou ali enrolando... vendo se ele não conseguia sair pela tangente... No fim, o Hércules acabou enganando ele e saiu de fininho, deixando o céu de volta nas costas do Atlas – porque, afinal, aquele B.O. era dele.

O nosso segundo ato é um pouco isso – sobre quando você tá carregando um peso que você sente que devia tá nas costas de outra pessoa.

E sobre como é difícil fazer essa troca.

Quem conta essa é a Bia Guimarães.

Um aviso: esse próximo ato trata de violência sexual.

ATO 2

Boa Guimarães: "Tenho o estranho hábito de enfrentar meus estupradores."

Quando eu vi essa frase no título do e-mail que a Alessandra Guedes mandou pra gente, eu confesso que, no automático, eu imaginei uma mulher reagindo a uma tentativa de estupro. Imaginei um grito, um soco, talvez um golpe com um objeto pra se defender. Imaginei uma cena de fuga, um filme de ação.

A princípio, não me passou pela cabeça que ela tivesse feito o oposto de fugir. Que ela tivesse decidido voltar pro momento em que tudo aconteceu.

Não me passou pela cabeça que o ponto de virada dessa história pudesse ser não uma luta, mas uma conversa. Num café.

Alessandra: Mas o que aconteceu comigo foi: eu estava numa festa com uma pessoa que eu já era muito íntima, que a gente ficava de vez em quando. Eu vou chamar de 'menino de São Paulo'. E aí eu acabei indo pra casa de um amigo meu. Então foi esse meu amigo, essa outra pessoa, o namorado desse meu amigo, né? Foram quatro pessoas. E aí a gente tava na casa desse amigo em quartos separados.

Esse menino de São Paulo. Ele começava a me, me beijar, me abraçar e eu começava a falar "não, não quero", e empurrar ele, sabe? Eu empurrando ele e ele falando coisas do tipo "não, deixa, deixa, vai ser a melhor noite da sua vida". Eu tipo "não, mas eu não quero".

Até que chegou um momento que eu fiquei paralisada... e deixei acontecer, assim. Porque eu não queria gritar, porque eu não queria que meu amigo soubesse o que estava acontecendo.

E aí eu lembro que a gente saiu da casa desse meu amigo. E aí voltou de táxi e eu chorava no táxi com ele do meu lado. Ele saiu primeiro porque a casa dele era mais perto. Eu cheguei na minha casa, minha mãe perguntou o que tinha acontecido. Eu falei "nada".

E eu também travei de contar pras pessoas na época, porque eu já tinha entrado em contato com o feminismo na época e eu ficava: "não, vão deixar que uma feminista deixou isso acontecer e..." E aí eu não contei pra quase ninguém na época, assim.

O que eu penso muito é: eu tinha uma vida, assim, né, uma, um caminho. E alguém invadiu o meu caminho de uma forma que eu não queria. Eu comecei a sentir que alguém que eu não queria que entrasse na minha vida arrombou as portas da minha vida. Tipo "o que você está fazendo aqui se eu não... não quis?"

Bia Guimarães: Era por volta do final de 2014, começo de 2015. A Alessandra tinha 20 anos. Quando ela chegou em casa e disse pra mãe dela que não tinha acontecido nada, dentro daquele "nada" tinha muita coisa. Tinha um pouco daquela

sensação de dúvida, que é tão comum em casos como esse. Será que foi isso mesmo? Será que eu não falei "não" o suficiente?

Mas também tinha um receio de que, se ela contasse pras pessoas, a vida dela ia mudar. Quer dizer, a vida dela ia mudar mais do que já tinha mudado até aquele ponto. Nenhuma história de estupro é igual à outra. Mas alguma coisa muda na gente. Muita coisa mudou na Alessandra.

Alessandra: Porque antes eu dava um valor pro sexo muito grande e depois ele meio que diminuiu, sabe? Então eu tinha uma ideia sobre romantismo que mudou.

Bia Guimarães: E mesmo fora das relações sexuais e amorosas, ela sente que mudou também o jeito como ela leva a vida.

Alessandra: Eu me tornei uma pessoa extremamente controladora. Eu não sei explicar, assim. Eu nunca fui uma pessoa tipo, não era, né? Uma pessoa de querer controlar as coisas e hoje em dia, quanto mais as coisas foram acontecendo, é tipo, ok, isso é um ponto de controlar, tipo, minutos da minha vida. Não quero mais perder o controle de tanto que eu já perdi, sabe? Mesmo sabendo que isso é impossível. Eu não quero perder o controle dessa narrativa, sabe?

Bia Guimarães: A história da Alessandra tinha sido invadida. E o controle, mesmo nas pequenas coisas, virou uma espécie de estratégia de sobrevivência. Foi só quando ela se mudou de São Paulo capital pra uma cidade do interior, e começou a habitar outro círculo social, que ela começou a se sentir mais à vontade pra contar pra uma ou outra pessoa sobre o que tinha acontecido.

Alessandra: Mas eu sempre ia pedindo assim "gente, não fala, eu não, não quero que a minha vida mude".

Bia Guimarães: Dois anos se passaram. Até que ela se viu, de novo, naquele lugar invadido.

Alessandra: Até hoje não sei o que aconteceu nessa noite. Eu me envolvi num relacionamento extremamente abusivo. Porque ele tinha problema de ciúmes e era aquele relacionamento de vai volta...

Bia Guimarães: Essa noite era a festa de aniversário desse cara com quem ela tava se relacionando.

Alessandra: E nesse aniversário a gente estava na casa, assim, e eu só acordei na cama dele com ele gritando, perguntando de uma outra pessoa que eu me envolvia. Eu sem roupa. E foi quando ele me jogou na parede, assim. Então eu não sei se eu tive relação sexual com ele, eu não sei, não sei o que aconteceu nessa noite.

Bia Guimarães: Tem uma lacuna na memória dela. Ela tava na festa e, na cena seguinte, ela tava nua, com ele gritando e logo depois jogando ela na parede. Tudo o que ela lembrava e sentia indicava que ela tinha sofrido um estupro, de novo. Mas não dava pra ter certeza. E, pra quem tava tentando manter tudo no controle, não saber era tão ruim quanto saber.

Alessandra: E eu queria começar a entender, até pelo fato de já ter sido estuprada uma vez, o que que tinha acontecido naquela noite.

Bia Guimarães: O relacionamento com esse cara continuou por mais um tempo. Mas as perguntas não saiam da cabeça dela.

Alessandra: E aí essa noite virou o ponto principal da briga. Então a gente brigava e sempre falava nessa noite. E eu lembro de falar com ele e falar assim – eu vou chamar de sulista –, eu falava assim: "então, sulista, o que aconteceu aquela noite?" E aí ele falava assim "não, eu lembro que aquela noite foi uma noite de sexo normal". E eu falava assim, "não foi normal. Eu não lembro o que aconteceu". Ele "não, foi normal". Eu "não, mas ela terminou com você me jogando na parede". Ele "não, foi, foi normal". E eu "não foi normal, não foi normal". "Eu só quero saber, eu só quero saber o que eu fiz, o que eu não fiz, eu só quero... Só fala, assim, eu não vou denunciar, eu não... eu quero entender".

Bia Guimarães: "Eu não vou denunciar, eu só quero entender". Pra tomar as rédeas da história, a Alessandra precisava da colaboração dele. E ele não tava disposto a colaborar.

Alessandra: Até que ele voltou pro sul, a gente se bloqueou em tudo e eu nunca mais falei com ele. Eu nunca mais tive essa resposta.

Bia Guimarães: Mais dois anos se passaram. Era começo de 2018.

Alessandra: O terceiro caso foi numa festa da universidade, que também foi com uma pessoa próxima.

Bia Guimarães: A Alessandra chama esse terceiro cara de "hondurenho". Ela tava numa festa, ficando com ele.

Alessandra: E aí ele começou a tentar pressionar de relação sexual. E foi basicamente a mesma coisa, de eu falar que não, falar que não. E aí até ter o membro dele na minha parte, assim. E aí eu empurrar, ele colocar de novo, eu empurrar... E eu saí chorando. Tipo "de novo não", assim, tipo, sabe? Tipo. Em desespero. Eu não acredito que aconteceu de novo. E aí, na própria festa, ele virou para mim quando eu estava chorando e falou assim "desculpa qualquer coisa".

Bia Guimarães: "Desculpa qualquer coisa". Aquela frase que a gente diz quando vai embora da casa de alguém e tá com receio de ter deixado bagunça, de ter atrapalhado a rotina da pessoa. Essa foi a frase que ela ouviu depois de mais um estupro.

Alessandra: Eu vivia uma narrativa e ela foi quebrada, e aí ela foi quebrada de novo, e ela foi quebrada de novo... Eu não conseguia lidar com a ideia de que eu vou passar por tudo isso de novo. E aí eu lembro de chegar e falar com – com só uma amiga minha na época, porque eu falei: "eu não vou denunciar, eu não... eu não tenho força para denunciar, eu não tenho capacidade para denunciar..."

Bia Guimarães: Mais do que nunca, a Alessandra tinha certeza do que tinha acontecido com ela. E, por mais que isso deixasse o caminho da denúncia mais fácil – ou menos difícil –, essa ideia não tava fazendo sentido pra ela.

Existem vários motivos que levam alguém a não denunciar um estupro. Medo, vergonha, culpa... receio de não acreditarem, ou suspeita de que a denúncia não vai dar em nada...

Sem falar no fato de que muitas vítimas são crianças ou adolescentes que não sabem nem como pedir ajuda, ou que mal entendem o que aconteceu com elas.

Cada caso é um caso.

No caso da Alessandra, ela falou que não tinha forças pra denunciar. Mas tinha outra coisa.

Levar essa história pra Justiça, e ir em busca de uma punição pro cara, simplesmente não fazia sentido pra ela.

Alessandra: Se a vítima se sentir bem, vai. Se é isso que vai te satisfazer, é isso que você tem que fazer, vai. Eu acho que esse é um dos crimes que é assim, o que a vítima se sente bem é o que ela tem que fazer. Mas isso nunca, pra mim, era o que me faria bem.

Bia Guimarães: E só pra ficar claro, isso não tinha nada a ver com achar que o cara não tinha culpa, ou que aquilo não era um crime, ou que ele não devia sofrer nenhum tipo de consequência. Pelo contrário.

Ela sentia que todo o processo da denúncia, do julgamento e da pena – isso se o cara fosse mesmo considerado culpado pela Justiça – não ia nem fazer ela se sentir melhor, e nem resolver o problema.

Alessandra: Então, para mim nunca fez muito sentido. Ir numa delegacia...

Bia Guimarães: A Alessandra não é a única pessoa que se sentiu assim depois de ser vítima de um estupro ou de qualquer outra violência. Se você escutou Crime e

Castigo, a série sobre justiça que a Rádio Novelo lançou em 2022, talvez você lembre da história da Valentina Homem, que aparece no terceiro episódio.

A Valentina também foi estuprada, e também não se sentia nem um pouco atraída pelo caminho convencional da justiça.

E você deve lembrar que uma coisa que permeia várias das histórias do Crime e Castigo é a percepção que algumas vítimas têm de que, quando o sistema penal entra em cena, elas são empurradas pra fora daquele conflito.

Como se o conflito que elas tavam tentando resolver, e dos quais elas eram protagonistas, fosse sequestrado, fosse roubado das mãos delas. Como se elas perdessem ainda mais o controle do que acontece dali em diante.

E, sim, justiça não se faz com as próprias mãos.

Tem um motivo pra não ser a gente mesmo que decide o que vai acontecer com as pessoas que agrediram ou causaram qualquer tipo de dano pra gente. Mas isso também significa que os juízes, promotores e advogados – que são as pessoas que de fato vão tá com a história nas mãos – muitas vezes vão buscar punições ou reparações que não necessariamente fazem sentido pra vítima. Mais do que isso, até: que podem deixar a vítima se sentindo pior do que ela tava antes. Sentindo que a história saiu ainda mais do controle e tomou um rumo que ela não queria.

Bom, se você ainda não escutou, depois procura "Crime e Castigo" no seu tocador.

Mas voltando pra Alessandra.

Aquele cara do terceiro estupro era da mesma faculdade que ela.

E aí, a notícia acabou se espalhando.

Alessandra: E aí eu lembro que tomou uma proporção tão grande que tinha pessoas falando assim: "não, você tem que denunciar".

Bia Guimarães: Uma das coisas mais desconfortáveis de tá nesse lugar de vítima – além, claro, de uma coisa horrível ter acontecido com você – é que as pessoas acham que sabem o que você deve fazer, o que você deve sentir...

Vira uma espécie de "Você decide", em que todo mundo quer escolher o desfecho da história – mesmo que esse desfecho contrarie a vontade da vítima.

Alessandra: E como era uma faculdade bem progressista, aí muita gente da galera que falava de denunciar se voltou contra mim mesmo, que era a vítima. Eu: "Gente"... Porque todo mundo acha que tem a melhor resposta para você, só que a violência sexual, ela, na minha— na minha concepção, ela foi muito mais psicológica do que física. Ela me invadiu muito mais na cabeça do que no corpo. Então eu acho que não tem um dia da minha vida desde que tudo isso aconteceu, que eu não pense no que aconteceu, nem que seja por um milésimo que eu não pensei: "o que seria de mim se não tivesse acontecido?". E aí ter muitas pessoas opinando o que uma vítima, o que eu deveria ter feito é muito doloroso. É talvez tão doloroso quanto o ato em si.

E aí entra um pouco a questão da narrativa. E nesse caso, eu perdi total o controle da narrativa. Então se tornaram assim meses surreais. Então eu ainda estava tentando me curar do primeiro, do segundo, veio o terceiro, com consequências gigantes.

Bia Guimarães: A Alessandra tinha certeza que ela não queria fazer o que tava todo mundo querendo que ela fizesse. Mas ela também não tava satisfeita com a ideia de não fazer nada. De deixar por isso mesmo.

Assim como a Valentina, lá do Crime e Castigo, ela queria uma alternativa. Uma alternativa que, primeiro, fizesse ela sentir que ela tava tirando a culpa do colo dela e jogando pra quem realmente era o culpado.

E, segundo, que tivesse algum impacto real no agressor.

Que fizesse ele repensar o comportamento dele dali em diante.

Alessandra: E aí falei: "Eu vou tentar fazer dessa vez como eu sempre quis fazer".

Bia Guimarães: É que, desde o primeiro estupro, a Alessandra tinha se envolvido ainda mais com os movimentos feministas. Ela começou a estudar sobre o estupro, sobre as origens e as consequências do problema. Ela conheceu histórias de outras mulheres, cada uma com uma experiência diferente – mas várias com aquele mesmo incômodo, aquela mesma busca por uma alternativa. E ela soube de

mulheres que decidiram confrontar quem tinha estuprado elas. Confrontar no sentido de ficar frente a frente mesmo, e conversar.

Alessandra: Falando de: "eu conversei com meu agressor e deu certo"...

Bia Guimarães: Essas mulheres resolveram procurar o agressor delas e dizer o que eles provocaram na vida delas, como se elas tivessem passando esse peso todo pra eles. E aí o objetivo é o cara reconhecer o que ele fez, ele aceitar essa culpa, pedir desculpas, mostrar que tá arrependido e que não vai fazer aquilo de novo, com mais ninguém.

Alessandra: E finalmente descruza essas narrativas que estão cruzadas, sabe? Sim, suas narrativas se encontraram do pior jeito possível. Essa pessoa invadiu sua narrativa. Você joga de volta e cada um vai, pronto.

Eu posso ser meio ingênua, mas eu sempre acreditei muito mais nisso do que, sabe, fazer uma denúncia formal. Mas, de novo, eu sou muito a favor de crimes como estupro, o que deixa a vítima mais, sabe, o que vai deixar a vítima mais tranquila, o que vai deixar a vítima com melhor sentimento.

Bia Guimarães: No meio da turbulência que veio depois daquele estupro, com a faculdade inteira fazendo fofoca, a Alessandra decidiu tentar.

Alessandra: "Dessa vez eu vou fazer como eu acredito". Aí eu chamei esse menino para conversar.

Bia Guimarães: Foram várias conversas, na verdade. A maioria online, mas algumas pessoalmente. Tudo o que ela queria era que ele ouvisse e entendesse.

Alessandra: E aí eu tentando falar com a pessoa que me estuprou para ver se ela entendia o que tinha acontecido, eu tinha amigas minhas que tentavam falar com ele...

Bia Guimarães: E... nada.

Alessandra: E aí ele falou "Não, Alessandra. Não te estupro, não te violentei". Eu falando com ele, tipo "não, você colocou quando eu estava falando que não". Ele "não, mas eu tenho mãe, eu tenho irmã. Eu jamais desrespeitaria". Ele falou "eu te pedi desculpa, eu não te estupro". Eu falei assim "não, vamos fazer assim. Se você for num psicólogo, se você se afastar de mim, a gente deixa isso quieto. Só vai, sabe, entender o que aconteceu". Ele "não, mas não aconteceu nada". E é isso que dói para mim um pouco dizer. Eu sentia que ele sentia que não tinha acontecido nada mesmo, sabe?

Bia Guimarães: Não parecia que ele tava fugindo da confissão ou do pedido de desculpas. E sim que ele realmente achava que não tinha do que se desculpar, que não tinha sobre o que refletir. Que tava tudo bem. Que não tinha acontecido nada. A Alessandra queria descruzar as histórias deles, jogar o peso no colo do culpado, mas ele não queria aceitar. Porque parecia que ele não sabia sequer traçar a linha entre o que é estupro ou não.

Alessandra: Colocar o pinto dele em mim umas três, quatro vezes, não é estupro? Sendo que é estupro. Ele sente que não é porque ele não colocou uma faca na minha barriga, sabe? Eu cheguei a sentir um pouco isso nas conversas.

Bia Guimarães: Aquela conversa vinha no rastro de um problema muito maior: às vezes, homens estupram sem saber que tão estuprando. Assim como às vezes mulheres não sabem que foram estupradas. E falar isso não é dizer que esses homens são inocentes. É o contrário. É entender que o buraco em que a gente tá é muito mais fundo do que às vezes parece.

Alessandra: O que me deixava muito frustrada era ter tentado, tentado, tentado muito, e não ter conseguido. Se eu conversar com essa pessoa, eu vou jogar o que eu estou sentindo nela. E aí eu via que a pessoa não tinha entendido que tinha sido um estupro. E aí, depois de tudo o que aconteceu, com o terceiro estupro, eu voltei a morar em São Paulo.

Bia Guimarães: Até que, três anos atrás, em 2020, a Alessandra esbarrou com uma pessoa do passado nas redes sociais. O cara do primeiro estupro, que ela chama aqui de "menino de São Paulo".

Alessandra: E aí eu comecei a pensar de "eu acho que é uma chance de eu fazer com ele o que eu tentei fazer com o terceiro estupro e não consegui". E aí eu cheguei a mandar uma mensagem assim para ele: "então, menino de São Paulo, eu acho que a gente precisa conversar. E eu não sei se você sabe – e eu já comecei assim, exatamente pela conversa que eu já tinha tido – mas você me estuprou naquela noite na casa do nosso amigo. Eu acho que a gente precisa sair pra tomar um café. E aí ele já respondeu falando assim "não sabia. Vamos tomar esse café".

Bia Guimarães: Eles marcaram pra dali a mais ou menos uma semana. O primeiro passo tava dado, mas era impossível não ficar com um pé atrás. Ela tinha medo de dar errado. De novo.

Alessandra: Eu fiquei com muito receio. Eu lembro de chegar no café uma hora antes e ficar lá sentadinha, tremendo, sabe?

Bia Guimarães: Quando ele chegou, ela já tava com as palavras na ponta da língua. Ela tinha se preparado muito. Aquele era o cara que tinha invadido a história dela pela primeira vez. E tudo aquilo que ela tinha vivido nos últimos anos tava esperando pra sair.

Alessandra: Eu fiz um trabalho de memória, de lembrar cada detalhe e, sabe, puxar tudo que tinha acontecido seis anos antes. Por que eu falei "eu vou levar tudo o que eu conseguir. Tudo". "Aconteceu isso naquela noite. Vários momentos eu te falei 'não', vários momentos eu empurrei sua cabeça para dizer que não.

Bia Guimarães: Ele ia ouvindo, parecia surpreso com tudo aquilo.

Alessandra: E teve também muito dessa recepção truncosa no começo de "eu não sabia, para mim tinha sido uma noite normal, eu não– para mim não

tinha sido um estupro. Eu não sou um monstro." Essa foi uma das frases que mais me pegou nessa conversa. De "eu não sou um monstro".

Bia Guimarães: Seria muito mais fácil se os estupradores fossem monstros de verdade, né? Seria mais fácil da gente enxergar, de fugir. O problema é, justamente, que eles não são.

Alessandra: E aí eu até lembro de falar assim pra ele: "Você não é um monstro, você tem que entender isso. Você é um homem e homens estupram. E é isso. E vocês tem que parar de estuprar. Vocês têm que entender o 'não'. Vocês tem que entender que quando falar 'não', você pára e fala, entende, sabe? Você tem que entender realmente que não é o monstro que estupra, é homem."

Você vê muito culpado que não— não se sente culpado. A gente criou essa ideia de "o culpado é só um monstro". Então eles não se vêem como monstros, eles não se sentem culpados. E aí a culpa fica na vítima.

Bia Guimarães: A Alessandra tinha ido praquela café cheia de receio de tentar e não conseguir. De voltar pra casa pior do que saiu. De jogar a bola de novo e a pessoa não receber...

Alessandra: Ele pediu desculpa pelo que tinha acontecido. Ele foi muito mais aberto nessa conversa. Eu não sei se tem a ver com a questão do tempo também, que se passaram muitos anos do acontecimento. "O que eu posso fazer por você? O que eu posso fazer como um homem?" Eu falei "em relação a mim, nada. Eu já faço terapia. Agora é você que tem que lidar com essa informação."

E eu lembro de ter saído daquela conversa com a melhor sensação do mundo. De verdade. Foi uma das melhores conversas que eu tive, que eu tive na minha vida. De verdade mesmo. Um dos melhores sentimentos de todos foi sair daquele café e só queria gritar de alegria. Eu voltei dançando na rua, sem música, sorrindo de... Eu consegui falar o que aconteceu e para uma pessoa que pareceu receptiva, que pareceu ouvir. De novo, não sei o que ele fez com essa informação, mas eu tirei de mim, eu coloquei em

quem eu deveria ter colocado essa informação, sabe? Foi o melhor processo de cura que eu poderia ter tido. Então, nossa, juro, foi o maior alívio de todos. Essa conversa dá até vontade de voltar no tempo, quando ele pergunta "o que você quer que eu faça?" e falar "nada, você já fez. Você veio, você ouviu..."

De novo, não sei se ele foi para o psicólogo, não sei se ele fez o trabalho de casa dele, mas, assim, sendo muito egoísta, eu fiz o meu e eu saí muito bem, sabe? Eu consegui colocar tudo o que eu queria, eu consegui recuperar o que eu queria. Eu me senti tão curada de todo esse processo, sabe? Tanto que o dele para mim foi um dos mais, que mais me mudou, assim, dos mais violentos psicologicamente. Mas é um dos que eu tenho mais resolvido. É um dos que para mim é mais fácil de lidar em todas as questões. Exatamente por essa conversa, exatamente o que eu consegui passar a violência que ele me passou pra ele, sabe? Parece que depois de tudo o que aconteceu, eu fechei um ciclo de todo o caos e tomei toda a narrativa para mim, sabe?

Bia Guimarães: A Alessandra não acha que esse tipo de confronto seja o melhor desfecho pra todas as histórias, pra todo mundo, pra todo tipo de violência. Mas, no fim das contas, foi o caminho que fez sentido pra ela.

E, claro, o problema em si, do estupro, é muito maior e mais difícil de resolver. Mas ela acha que a gente pode começar simplesmente falando mais abertamente sobre ele.

Sobre como o estupro não tem hora nem lugar pra acontecer.

Sobre o que é consentimento e o que não é.

Sobre como estuprar não é coisa só de monstro.

Sobre como cada vítima se transforma de um jeito diferente, e lida com o que aconteceu de um jeito diferente.

Alessandra: A gente tem que começar a ter uma conversa com a sociedade sobre o estupro. E, assim, é uma coisa que eu sinto, desde que eu comecei a falar sobre estupro mais abertamente, é: muita gente que

sofreu está louco para falar. Ninguém, ninguém quer ouvir. Porque ninguém, ninguém está pronto para ouvir sobre essa violência.

Bia Guimarães: Ou pra ouvir sem achar que aquilo é...

Alessandra: É o fim do mundo.

Bia Guimarães: Que é o fim do mundo... Exatamente.

Eu preciso dizer que foi meio libertador quando a Alessandra completou a minha frase.

Bia Guimarães: E perceber que a gente não tava sozinha no que a gente sente.

Depois da nossa conversa, eu fui ler e assistir uma autora indiana que ela tinha mencionado, a Sohaila Abdulali.

A Sohaila foi vítima de um estupro coletivo quando ela tinha 17 anos.

Ela já escreveu muito sobre o assunto, e em 2018 ela lançou um livro chamado: "Do que estamos falando quando falamos de estupro".

E numa das palestras que eu vi ela fala exatamente isso. "Estupro não é o fim do mundo".

E isso não significa dizer que o estupro não é uma coisa grave, terrível, absurda. Só significa dizer que não é a última linha da nossa história.

Se você passar por alguma situação de violência sexual e precisar de ajuda, procure uma delegacia da mulher – ou qualquer delegacia – ou ligue para o 180.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por acompanhar a gente até o final em mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No nosso site, a gente deixou o link do blog do Lúcio Flávio Pinto, e a referência da Sohaila Abdulai que a Bia mencionou.

E, se você ainda não ouviu a nossa série "Crime e Castigo", vale a pena, viu? Eu mesma tava reescutando outro dia e pensei: "é boa essa série, hein..."

Agora: se você tiver uma ideia de história pra gente – que nem a Alessandra, do segundo ato –, cê pode dar uma olhada no nosso site na seção “envie uma pauta”. Ali a gente explica que tipo de história funciona aqui no Apresenta.

E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitter e no Instagram, no arroba radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são Vitor Hugo Brandalise, Évelin Argenta, Bia Guimarães e Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Natália Silva e Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.